

O Amor Evapora na Seção *Badulaque* da Revista TPM¹

Matheus Nascimento Matias BRAGANSA²

Frederico de Mello Brandão TAVARES³

Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, MG

Resumo

Na esteira dos estudos sobre o amor e as relações interpessoais contemporâneas, este artigo busca tecer narrativas em torno do amor através de sua representação na seção *Badulaque* da revista TPM. Numa trajetória de investigação das possibilidades amorosas, pensaremos o que significa amar nos dias correntes. O amor é uma carta escrita em uma pedra ou é apenas um vapor? O artigo projeta a *Badulaque* como testemunha de um *zeitgeist*, por isso tensiona as configurações amorosas da seção como detalhes de um plano de fundo maior, que diz respeito ao que significa ser sujeito amoroso no atual contexto sócio-histórico.

Palavras-chave: Amor; Vapor; *Badulaque*; Revista TPM

1. *Badulaque* diante de um mundo embaralhado

Pelas mãos da jornalista e escritora Nina Lemos, a seção *Badulaque*, porção clássica e divertida da revista TPM, detém em si a potência de criar um mundo identitário exclusivo. Seja se apropriando de ícones *pop* da sociedade do espetáculo ou estabelecendo diálogos com a militância feminista, por exemplo, a seção consegue captar os diversos fragmentos que ajudam o leitor a compor uma noção de *zeitgeist*, de entender quais são os retalhos que definem o espírito dos nossos dias correntes, sempre amparado por uma linguagem coloquial, por vezes irônica, se assemelhando a uma conversa entre amigos.

¹ Trabalho apresentado na IJ 6 – Jornalismo do XXIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 3 a 5 de junho de 2019.

² Graduando em Jornalismo pela UFOP, bolsista de Iniciação Científica da FAPEMIG. E-mail: matheusnmbragansa@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Doutor em Ciências da Comunicação. Professor do curso de Jornalismo da UFOP. E-mail: fredtavares.ufop@gmail.com

Na *Badulaque* o mundo parece flutuar. O próprio significado da palavra “badulaque”, remetendo a um mundo lotado de muitas coisas, transmite a sensação de que estamos inseridos em um *melting pot* bagunçado pelas diversas vozes da contemporaneidade, entendimento que vai de encontro com as teorias contemporâneas ou pós-modernas. As colagens se misturam, as cores se confrontam, os textos se entrelaçam e se repudiam. Na mesma edição refletimos sobre depilação masculina, as semelhanças entre Wim Wenders e Caetano Veloso, e formas não racistas de educar crianças (TPM, dez. 2010, p.113-118). Uma “não entrevista do mês” com um álbum de figurinhas (jun. 2010, p. 105), com a gravidez de Ivete Sangalo (out. 2009, p.95), com a morte de Michael Jackson (ago. 2009, p.99) ou com os 28 quilos a menos da Carolina Dieckman (ago. 2008). Imagens sobrepostas de Madonna e Zeca Pagodinho ou Barack e Michelle Obama ao lado de Sasha Meneghel (dez. 2009, p.106-107). Dentro dessa salada que contém elementos cotidianos, midiáticos, crítica política, conceitos sociais, fofoca de celebridades, imagens *non-sense*, etc, conseguimos identificar diretrizes importantes para entendermos sobre a vida contemporânea. Através desse cosmos fechado, a *Badulaque* pode ser vista como metáfora do mundo pós-moderno. Embora possua textos curtos e imagens extremamente plásticas e sedutoras, a seção está longe de ser considerada superficial, pois é nessa falsa noção de superficialidade que contém aspectos filosóficos sobre o amor, podendo se relacionar com grandes teorias intelectuais ou percepções cotidianas que dizem respeito a qualquer um.

É nesse mundo de colagens visuais e verbais que este artigo busca entender percepções do amor contemporâneo, tema sempre presente no conteúdo da seção. Para tanto, investigamos em todas as edições da *Badulaque* de 2001 à 2010, ideias sobre o amor que foram se reiterando, se consolidando ou se contradizendo ao longo dos anos. Visto que o tema do amor (e das relações interpessoais) está sempre presente na *Badulaque*, com vertentes que desembocam em devaneios sobre sexo, namoro, casamento, filhos, maternidade, família, etc, colocamos em disputa duas noções amorosas sempre presentes nas representações da *Badulaque*, do cinema, da literatura e no imaginário coletivo da população: um amor eterno, sólido, que transcende a própria

vida, em confronto com um amor efêmero, que evapora em cada esquina, que não sobrevive às intempéries cotidianas.

O que significa amar nos dias correntes? Do que o amor vem acompanhado? As relações humanas estão desgastadas pelo aceleracionismo da vida capitalista ou pelas torrentes midiáticas? A liquidez de Zygmunt Bauman se faz presente nas representações da *Badulaque*? Ainda são atuais as noções amorosas de Nietzsche e Kant? O amor continua sendo um estado de confusão como era para os personagens modernos? Ou a aura blasé da pós-modernidade enfraquece o poder alucinante da paixão?⁴

2. O amor como sopro de vida ou uma margem a ser superada?

Poderíamos acreditar que o amor emerge em apenas uma situação específica, ou que tem um propósito específico, ou uma identidade estabelecida, ou um sentido absoluto. Se assim fosse, estaríamos nos aproximando de um teólogo que se esforça para dar uma palavra final. “O amor é um afeto, e, por isso mesmo, algo próximo a uma doença da alma” (PONDÉ, 2017, p.17). Embora essa definição de amor acompanhe todo o percurso de nossas reflexões, não nos interessa bater um martelo com a explicação específica do que é e o que não é o amor. Nossa ideia vai de encontro à paisagens amorosas cristalizadas em nossas mentes através dos diversos discursos que nos atravessam. Como a presença, na produção cinematográfica brasileira, do filme *Era uma Vez...* (2008) de Breno Vieira. Que amor é esse que ultrapassa fronteiras de classe, que quebra barreiras que separam mundos, e que projeta na morte dos amantes um sentimento que não pode ser superado? Num canto paralelo à *Romeu e Julieta* de William Shakespeare, presenciamos em inúmeras histórias ficcionais, momentos sublimes de paixões arrebatadoras e um amor que se entrega à morte para que não se acabe. Essas histórias, que abraçam nossos corações, tiram algo de nós, de dentro para fora: um anseio de pertencer ao amor platônico, aquele amor idealizado, que transborda

⁴ A pesquisa aqui apresentada está vinculada ao projeto de pesquisa “A diversidade como fio editorial em TRIP e TPM: reconhecimento do tempo e afirmações identitárias”, registrado na PROPP-UFOP e desenvolvido com fomento da FAPEMIG.

a própria vida. Em *Amor, Sublime Amor* (1961) de Jerome Robbins e Robert Wise, Tony (Richard Beymer), ao se apaixonar por Maria (Natalie Wood) num primeiro olhar, passeia pela cidade cantando “Maria... Maria... Maria...” As ruas recebem uma iluminação rosa, a música melosa irrompe subitamente, seu rosto se transfigura em expressões ternas. O amor é retratado como algo que irrompe do nada, que cria um forte vínculo com um alguém entre centenas de outras pessoas. E o mundo muda.

“Encontro pela vida milhões de corpos; desses milhões posso desejar centenas, amo apenas um [...] Eis um grande enigma do qual nunca terei solução: por quê desejo esse?” (BARTHES, 1981, p.14), escreve Barthes. Embora tal noção de um sentimento que irrompe não se sabe de onde nos pareça meio irreal, é na verdade a ideia do amor como algo de entendimento inatingível, obscuro, hermético. “Pode-se prometer atos, mas não sentimentos; pois estes são involuntários. Quem promete a alguém amá-lo sempre [...] promete algo que não está em seu poder” (NIETZSCHE, 2012, p.8). Embora tenhamos em Nietzsche um amor incontrolável, num aspecto subjetivo e impenetrável, o amor é também um encontro externo, imagético, palpável. Segundo Luiz Pondé, “o amor é uma experiência prática, jamais teórica” (PONDÉ, 2017, p.13). Para Spinoza “o amor é uma cócega que é acompanhada da idéia de uma causa exterior” (SPINOZA *apud* SCHOPENHAUER, 2000, p.60) Essa visão do amor como um arranjo que exprime interior e exterior, que se delinea por uma combinação de forças incontroláveis, detalhe vibrante nos musicais de Fred Astaire e Ginger Rogers, é reiterada em metáforas que tentam esboçar o indefinível.

“Amor é fogo que arde sem se ver”. Tal metáfora de Camões, bem construída num paradoxo instigante, é usada para dar conta de um sentimento que não se define em absoluto e que não se controla. A situação amorosa bíblica, entretanto, é um pouco diferente. Possui a ideia do amor como algo subjetivo, mas delinea seu sentido num horizonte firme. O amor é uma peça que se encaixa. “...amemos uns aos outros...” (BÍBLIA, 1 João, 4:7), “...acima de tudo, revistam-se do amor...” (BÍBLIA, Colossenses, 3:14), “...amem seus inimigos e orem por aqueles que os perseguem...” (BÍBLIA, Mateus, 5:44). O amor é um mandamento, é algo que se pode conhecer, é algo que se pode querer. É um impulso etéreo, mas é também um movimento de força

intelectual e racional, em que coexistem, num mesmo sentimento, o gesto exterior e o gesto interior. Essa elegância do cultivo amoroso, algo que pode florescer através da condescendência humana, é um tom que desperta em Cole Porter. A profundidade do amor irrompe pela área externa, no canto de um pássaro azul na primavera, num fluxo de sentimentos naturais, que entrelaça interior e exterior, condescendência humana e sentimento espontâneo natural a todos nós. É como se nossa natureza humana, em consonância com a natureza da fauna e flora, possuísse um ímpeto natural ao amor. Mas há a escolha humana, que decide impedir ou deixar fluir o sentimento natural. Por isso ele nos convida a nos deixar apaixonar. “*It is nature, that is all / Simply telling us to fall in love [...] Let's do it, let's fall in love*”.

A promessa de uma atmosfera onírica que acompanharia o sentimento amoroso em nossas vidas vem sendo nutrida desde as tardes de verão em que assistíamos, na *Sessão da Tarde*, um lance de olhar apaixonado ao lado da lareira sob a lua cheia no filme *ABC do Amor* (2005), ou um beijo tímido flutuando sobre as luzes das velas do bolo de aniversário de Samantha Baker (Molly Ringwald) vestida em tule em *Gatinhas e Gatões* (1984), um toque esbarrado na Fontana di Trevi, na Itália, que cria um vínculo amoroso enfeitado em *Sabrina vai à Roma* (1998). Por quê criamos essas paisagens do amor? Por quê a cena clássica de Gene Kelly em *Cantando na Chuva* (1952) é tão amada? Por quê sentimos todas as nossas inquietações se acalmarem ao final de *Malhação* em 2004, quando Gustavo (Guilherme Berenguer) e Leticia (Juliana Didone) finalmente ficam juntos? Por quê é esmagadoramente angustiante ver a cena final de *As Pontes de Madison* (1995)? Quem poderia enxergar o trilho além e afirmar que Robert Kincaid (Clint Eastwood) e Francesca Johnson (Meryl Streep) seriam felizes juntos? Ou que Scarlett O'hara (Vivien Leigh) seria feliz para sempre com Rhett Butler (Clark Gable) em *E o Vento Levou...* (1939)? Na verdade, a tônica do amor pleno não é uma realidade tão brilhante quanto a fantasia consegue representar. “As pessoas procuram parceiros e buscam envolver-se em relacionamentos a fim de escapar à aflição da fragilidade, só para descobrir que ela se torna ainda mais aflitiva e dolorosa do que antes” (BAUMAN, ..., p.41). E essa desconstrução não é recente.

“Os medievais já chamavam a atenção para o caráter de ‘doença da alma’ que marca a experiência do amor. Uma forma de obsessão, que tende ao desordenamento da vida cotidiana” (PONDÉ, 2017, p.11). Para o filósofo Luiz Pondé, o encontro do sujeito com o amor pode ser catastrófico pois o amor nem sempre é digno de confiança, pelo contrário, pode ser traiçoeiro e doentio, pode confundir a alma e levar o amante a erros imperdoáveis, pode se transfigurar subitamente no oposto dele mesmo, transformando-se em ódio ou coisa pior. “Uma obsessão nascida da visão da beleza da amada ou do amado. Uma visão desordenada por essa mesma beleza. Um pensamento que perde a capacidade cognitiva [...] por conta da inundação do afeto” (PONDÉ, 2017, p.21). Nesse mesmo eixo de percepção, Schopenhauer adverte que o sentimento amoroso tem tamanho domínio sobre o corpo habitado que empurra em grandes números amantes passionais ao hospício. “...Cada ano há de mostrar um e outro caso de suicídio conjunto de um casal de amantes transtornado por circunstâncias externas...” (SCHOPENHAUER, 2000, p.5). É essa falta de apoio, causada por um amor que um dia construiu esse mesmo apoio, que leva Eve (Geraldine Page) a mergulhar na imensidão do mar em *Interiores* (1978) de Woody Allen, que leva Ofélia a se deixar cair num rio em *Hamlet* (1609) de Shakespeare. Pois o amor como uma espécie de distúrbio “pode tirar o sentido de tudo que não seja ele mesmo” (PONDÉ, 2017, p.16), criando episódios catastróficos, como o descontrole irracional funesto da Fera da Penha, que assassina a filha de seu amante no Rio de Janeiro, ou a morte de Emma Walker, a *cheerleader* do Tennessee assassinada por seu ex namorado. “Não há como saber, pelo menos com antecedência, se viver juntos acabará se revelando uma vida de tráfego intenso ou um beco sem saída” (BAUMAN, 2004, p.48). As inúmeras filigranas do amor podem gerar uma espécie de golpe, que machuca o amante e a imagem amada, pois faz ambos enxergarem coisas novas, sentimentos novos inconciliáveis, temores e desejos paradoxais, sem uma linha de raciocínio lógico que consiga definir o melhor caminho. Em vez disso, o sentimento emerge, se põe acima da razão, e assombra, por bem ou mal, os dois enlaçados pelo amor. “Só os ignorantes do amor não o temem” (PONDÉ, 2017, p.23).

Esse amor que vai de encontro com a noção de Nietzsche, que desnorteia o amado, é um amor que se eleva ao nível das mais altas histórias trágicas, uma visão do amor já meio ultrapassada, de acordo com algumas percepções teóricas contemporâneas. O amor de Kant, que se estabelece num cotidiano sereno e respeitoso, também não possui as insígnias do amor dos dias correntes. Desmanchamos o estado de embriaguez amoroso de Shakespeare, mas também desconstruímos o felizes para sempre de Frank Capra. O que parece nos desenhar, em consonância com nossas relações contemporâneas, é o cinema de Wong Kar-Wai, em que a apatia em relação ao mundo, ao Outro, a si mesmo, é tão profunda que ignora os encantos do amor. Ou o filme *Ela* (2013) de Spike Jonze, em que a relação humano-objeto é mais forte que as relações interpessoais, caindo em um simulacro de abstração onde só uma máquina, um relacionamento virtual, com alguém incorpóreo, traria a felicidade perdida para o sujeito pós-moderno. Na correnteza da fluidez, quando tudo se torna efêmero, rápido e passageiro, o amor não se encontra mais na beleza romântica incapaz de resistir ao golpe da paixão em *O Beijo* (1859) de Francesco Hayez, nem no toque boêmio dos reluzentes amantes em *Lovers in a Paris Cafe* (1932) pelas lentes de Brassai, mas na paisagem solitária, enovoadada por um clima estranho em *O Absinto* (1877) de Edgar Degas, ou num amor que se mostrou artificial no desentrelaçamento de mãos no cinema em *New York Movie* (1939) de Edward Hopper.

Após os traumas modernos, em que o sujeito se viu num mundo que prometia o sólido mas se auto demoliu em ruína, quebrando as utopias políticas, sociais e econômicas, o ser humano descosturou sua identidade definida e, conseqüentemente, passou a flutuar sem estabilidade com sua identidade flexiva. É o que Stuart Hall denomina de sujeito pós-moderno. “O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas” (HALL, 2019, p.11). A máxima de René Descartes, *cogito, ergo sum*, esse ímpeto de racionalização da vida, não mais tem sentido no imaginário do sujeito contemporâneo. O que importa aqui não é a consolidação de uma carreira por exemplo, mas a possibilidade de se movimentar por diversos empregos ao longo da vida. “O panorama

amoroso não é mais de busca de um amor maior que a vida e a sociedade de divorciados e encontros sexuais casuais marca o velório das mágicas sereias” (ALCÂNTARA, ..., p.16). É através dessa lógica que as percepções amorosas vão se cristalizando na mentalidade coletiva dos sujeitos contemporâneos. Conhecemos, através de Bauman, o conceito “relações de bolso”, de Catherine Jarvie. “Uma relação de bolso é a encarnação da instantaneidade e da disponibilidade” (BAUMAN, 2004, p.37). Essa é a performance líquida de que tanto fala Bauman.

Num mundo em que não há mais tempo para a parada, para a reflexão, em que o ritmo da vida é estruturalmente acelerado, em que tudo se torna produto e a ordem da vida é dada pela frenética necessidade de produção, onde ficaria guardado o espaço que propiciaria a leveza e serenidade para o crescimento subjetivo do amor, da relação com o Outro? Somos órfãos de Eros, que foi condenado a “perambular pelas ruas numa infundável e eternamente vã procura de abrigo...” (BAUMAN, 2004, p.58). Nessa nova engrenagem, até a máxima bíblica foi morta pelos ideais contemporâneos. “Amar o outro como a si mesmo” (MATEUS, 22), na contemporaneidade iconoclasta, “é um mandamento que na verdade se justifica pelo fato de que nada mais contraria tão fortemente a natureza original do homem” (FREUD *apud* BAUMAN, 2004, p.132). Ninguém mais morre de amor, como diagnosticou o romantismo da idade média. “No mundo moderno, todos apenas sonham com o sucesso material e a abordagem estratégica da vida” (PONDÉ, 2017, p.25). Seria o amor apenas uma invenção da literatura e do cinema para conseguirmos continuar vivendo, tal como Cecília (Mia Farrow) de *A Rosa Púrpura do Cairo* (1985) que, se não fosse a fantasia ilusória do cinema, se jogaria na frente de um caminhão? Bem, não é tão simplista assim. Todos já sentimos, desde a infância, o coração bater mais rápido, um sentimento de acolchoamento ao vermos aquela garotinha chegar na escola com os cabelos presos em um rabo de cavalo, todos já passamos uma noite sem dormir pensando na amada, e acordamos de madrugada inquietos perante a névoa que encobre o sentimento daquela garota sobre nós, sujeitos apaixonados.

Dentro dos quadros de relacionamentos que criamos ao longo da biografia da humanidade, num logro narcisista e orgulhoso, a inapetência do afeto é consequência

natural aos sujeitos contemporâneos. “Trata-se de um incapacidade histórica, fruto do avanço social, político e existencial da humanidade” (PONDÉ, 2017, p.30). Talvez por isso atualmente nos vemos rodeados por *coachs* que transmitem um saber oferecido em pequenas doses de utilitarismo, em fórmulas genéricas e fáceis. Receita de bolo pronto, com cobertura em pozinho. Seria o cotidiano o assassino foragido do clímax amoroso? A lâmpada que desvela a consciência da fragilidade do amor? Ainda há espaço para dois corpos se tornarem um só? O amor é um sopro de vida ou uma margem a ser superada?

3. O amor evapora na seção *Badulaque* da revista TPM

No mês dos namorados, em todas as edições de junho, as *Badulaques* de 2003, 2004, 2005, 2006, 2008 e 2010⁵ apresentam como primeiro tópico uma espécie de desconstrução do relacionamento amoroso romântico. Em 2003, uma lista de características que pertencem ao “pior namorado do mundo”, em 2004, “as 50 músicas de amor mais tristes de todos os tempos”. Na edição de 2005, os “nove homens que jamais namoraríamos”. Em 2006, um “manifesto de criação do dia do orgulho *single*”, 2008, “anticartões do dia dos namorados” e em 2010 lemos “os clichês dos relacionamentos que reprovamos”. O que significa esse gesto? O que torna essas cenas pertinentes para serem expostas para o imaginário coletivo da população? Significativamente, grande parte das posições amorosas românticas apresentadas pela seção não caminham junto ao imaginário romantizado *mainstream*, mas a algumas pequenas percepções pessimistas sobre o amor, ressignificações de um relacionamento que não deu muito certo, sempre com um toque afiado de ironia e humor ácido.

Em 2003, entramos em contato com a despotencialização de uma paixão platônica através do desvelamento do outro através da rotina, o dia a dia que desintegra o amor idealizado. “Haveria uma contradição essencial entre amor e cotidiano?” (PONDÉ, 2017, p.37), questiona Luiz Pondé. Logo no começo da seção, a noção atemporal de contos de fadas é jogada por água abaixo. “E aqui não é lugar de pessoas

⁵ A seleção de tais edições se deu através do recorte das *Badulaques* de mês dos namorados e da disponibilidade da revista TPM na plataforma *Google Books*. As demais edições de junho não foram analisadas pois não estão acessíveis virtualmente.

que acreditam em príncipe encantado” (jun, 2003, p.83). Mais à frente: “Sabemos que qualquer namorado terá hábitos terríveis, como gostar de jogar vídeo game em rede, tocar guitarra no ar ou, pior ainda, ser um pouco canalha” (jun, 2003, p.83). Um tom meio inflamado, em tom de graça, vem logo depois, quando a seção insinua que o cara que tenha todos esses defeitos ao mesmo tempo está sendo procurado pela revista para ser obrigado a fazer trabalho forçado para a comunidade. Mas ao enxergarmos a página como um todo, percebemos uma coexistência entre comédia e engajamento político e social profundos. Na lista dos elementos do pior namorado do mundo, a característica “é careca de cabelo comprido” (uma pequena zoação) vem acompanhada de “grita com você”, “chama seus amigos gays de ‘aqueles viados’” e “tem nojo de sexo oral (em você, claro, nele, ele adora)”. É a partir dessa coexistência de brincadeira e seriedade que vão sendo realocadas, repensadas, desconstruídas práticas cristalizadas no tempo e espaço.

Essa tônica retorna em junho de 2005, apresentando os homens, ou melhor, as identidades masculinas que jamais namorariam. “Se só tivéssemos essas opções, morreríamos secas. Mas felizes” (jun, 2005, p.35). Amparada pela noção de que há felicidade para além do encontro amoroso, desconstruindo narrativas hegemônicas, a *Badulaque* cita nove homens aparentemente inconciliáveis. É característica da seção analogar personalidades de todas as áreas, sem distinção entre alto e baixo, colocando todas as referências icônicas do mundo pop num mesmo *meltin’ pot*. Assim, temos Bento 16 e Dado Dolabella dividindo a mesma cestinha de lixo na ilustração que acompanha o conteúdo verbal. Esse aspecto *non sense*, dado pela representação visual cômica, na verdade desvela enormes engajamentos que dizem respeito às identidades masculinas contemporâneas. Juntamente à brincadeira de não namorar o papa pois ele não transa nem gosta de rock, ou não namorar o idealizador do orkut pois ele fez com que todos ficassem viciados em bisbilhotar os pretendentes desencadeando crises de ciúmes, ou desprezar o corte de cabelo do Mr. Big de *Sex and The City*, a seção repudia as violências simbólicas machistas de Severino Cavalcanti, os preconceitos sexuais do papa, os assédios de Michael Jackson e a violência contra a mulher de Dado Dolabella. Presenciamos uma seção que elabora sentidos através de ícones da sociedade do

espetáculo, dando uma falsa sensação de “programa de fofoca”, mas na verdade insere em acontecimentos e identidades célebres, rotas de debate e desconstrução, renunciando relacionamentos insensatos (e também criminosos).

Os enunciados da *Badulaque* deixam claro essa posição contra determinados modelos de relacionamentos. Em junho de 2010, em “os clichês dos relacionamentos que reprovamos”, a seção, além de exibir o tédio (através da identificação dos clichês) em relação aos trâmites românticos contemporâneos, se engaja também na desconstrução de paradigmas míticos construídos socialmente. O primeiro tópico “não existe sexo no casamento” remodela a visão pessimista sobre a institucionalização do amor e a vivência dos amantes em uma rotina. O quinto reconstrói uma narrativa que dizia ser impossível ser feliz sozinho. Essa pluralidade, que consegue dar conta, em partes, de duas visões que estereotipam o “felizes juntos” e também o “infeliz sozinho”, evidencia como a *Badulaque* não possui uma visão que cai num simulacro de negativismo nem na fantasia utópica romântica. Pelo contrário, transmite a complexidade de cada situação, num exercício de desestereotipação tanto de um lado quanto de outro.

Outro aspecto importante nessa edição é a discussão acerca da objetificação dos sujeitos, tão próprios ao nosso tempo. No segundo clichê apontado pela seção, “falta homem no mercado”, *Badulaque* argumenta que “tratar as pessoas como se elas fossem ações da bolsa de valores é horrível” (junho, 2010, p.103). Discussão que evoca teorias estritamente contemporâneas tal como a de relacionamentos líquidos, de Zygmunt Bauman. Segundo o sociólogo polonês, através de nossas identidades construídas pelo mundo contemporâneo em que vivemos, vivenciamos as relações amorosas como vivenciamos um *shopping center* (alô, *Tinder*) ou como investimentos na bolsa de valores. “[Nas relações amorosas] você entrou com tempo, dinheiro e esforços que poderia empregar para outros fins [...] esperando também que aquilo que perdeu [...] acabaria, de alguma forma, sendo-lhe devolvido - com lucro” (BAUMAN, 2004, p.28). Tal regime retorna diversas vezes na *Badulaque*, como por exemplo na edição de junho de 2008, numa coluna nomeada “amor corporativo.” O texto conta de um médico que ajuda a mulher a se desvencilhar das memórias atordoantes do passado e propõe o

estabelecimento de metas. “Repare que uma grande corporação tem foco em resultados. A vida também deve ser assim”, diz o médico. Esse movimento estritamente pós-moderno, de robotização dos seres-humanos lembra as discussões do livro *24/7: Capitalismo tardio e os fins do sono*, de Jonathan Crary, que elabora uma análise através das pesquisas do exército norte-americano que buscam a diminuição do sono, transformando o soldado em uma espécie de máquina direcionada aos seus compromissos militares, e de costas para si mesmo. O que expressaria, agora, o anjo de Benjamin inspirado na obra *Angelus Novus*, de Paul Klee? “... Não só a sociedade moderna é um cárcere, como as pessoas que aí vivem foram moldadas por suas barras; somos seres sem espírito, sem coração, sem identidade sexual ou pessoal - quase podíamos dizer: sem ser” (BERMAN, ..., p.39). É o sonho moderno de transformar o homem de carne e osso no ser da obra *Formas Únicas de Continuidade no Espaço* (1913) de Umberto Boccioni. A resposta da *Badulaque* para as teorias do médio é: “ZZZ...” (jun, 2008, p.61).

Um “manifesto de criação do orgulho *single*” abre a edição de junho de 2006. No subtítulo, temos uma percepção importante para analisarmos os comportamentos amorosos de nosso século. “Oprimida por ser uma pessoa que só namora por amor [...]?” (jun, 2006, p.67). O discurso latente aí é de que namorar por amor não é um movimento afeito aos sujeitos contemporâneos. Namorar por amor é raro. Mais que raro, é absurdo, é motivo de chacota e opressão, parece atestar a *Badulaque*.⁶ O espírito dos peregrinos contemporâneos flutuam por corpos plásticos, buscam sensações novas a cada momento, não valorizam a estabilidade sólida que só o amor conseguiria propiciar. Por isso amar está fora de moda. Pois, de alguma forma, amar é parar. E não há nada mais violento para os sujeitos contemporâneos do que a parada. “Vida líquida: aquiescência à desorientação, imunidade à vertigem, adaptação ao estado de tontura, tolerância à falta de itinerário e direção e à duração indefinida da viagem” (BAUMAN, 2009, p.10). Solidificar um relacionamento é ir contra às identidades dos pós-modernos.

No conteúdo do manifesto, a *Badulaque* sentencia que “não devemos namorar qualquer um só para dar para a sociedade [...] a resposta de que ‘sim, temos um

⁶ A *Badulaque* não considera namorar por amor um absurdo, mas ela explicita que é socialmente considerado absurdo nos dias correntes.

namorado!” (jun, 2006, p.67). Estabelecer um relacionamento amoroso é um compromisso social. Não mais uma consequência direta do entrelaçamento espontâneo de emoções entre dois corpos, duas almas. E são as mesmas diretrizes sociais que esvaziam os relacionamentos amorosos através de uma rotina enfadonha, de compromissos em datas comemorativas entediadas, de cartõezinhos *candy color* falseando um sentimento padronizado, escrito em inúmeros cartões ao redor do globo. “Todo ano é igual. Cartões cafonas idolatrando as maravilhas românticas enchem livrarias e sites” (jun, 2008, p.59). A *Badulaque* de junho de 2008 brinca com os “Anticartões de Dia dos Namorados”. Ao invés de celebrar um relacionamento, ela propõe dar os cartões para uma amiga que terminou o namoro. As mensagens, claro, são cômicas, mas também trazem à discussão a miséria da imagem -muitas vezes falsa- do amor. “*El romantismo és una invención capitalista*”, “as pessoas não fazem tanto sexo quanto você pensa”, “o amor é uma droga que nem dá barato”, “se casamento fosse bom não precisava de testemunha”. Esse término, uma ruptura consequência de um amor que acabou, de um relacionamento que se mostrou frágil, ecoa na melodia das “50 músicas de amor mais tristes de todos os tempos”, tema da *Badulaque* de junho de 2004. A primeira música da lista, *Love Will Tear Us Apart* de Joy Division, fala de um elo que não perdura, de um amor que era fundamental, e que a rotina “que corrói duramente”, diz a letra, o transformou em um sentimento banal.

Nas páginas matizadas e brilhantes da *Badulaque*, o amor evapora. Evapora quando o namorado larga a namorada sozinha no estádio porque acha que ela é pé-frio (jun, 2010, p.104), quando nenhum dos casais juntados por um aplicativo continuaram juntos depois de quatro meses (out, 2001, p.27), ou quando uma traição vem à tona e o traidor é quem fica furioso e violento (jun, 2010, p.104), quando a inteligência se transforma em opressão (dez, 2001, p.26), quando depois de dividir o cobertor no frio da Alemanha a amanda não respondeu o email (fev, 2002, p.21), quando a infinidade de bodas de casamento esvazia a relação amorosa (mai, 2002, p.57), quando se percebe, no vídeo íntimo de Paris Hilton, que o homem absurdo é também um autoritário na cama (mai, 2005, p.20). Mas na *Badulaque*, como no poema de Paulo Mendes Campos, o amor também renasce em sutis companhias num domingo à noite (jun, 2010, p.110), ou

quando o advento da internet possibilita o envio de músicas delicadas e encantadoras pelo *MSN* (jun, 2005, p.39), quando a rotina -que pode ser massante- cria momentos cotidianos em conjunto assistindo *David Letterman* (jun, 2004, p.72), quando o amor e desejo permanecem vivos na trajetória de um casamento honesto e afável (jun, 2010, p.103).

4. E se dissolve no ar

Se a *Badulaque* parece -aos olhos desatentos- uma superfície, na verdade é uma fotografia que revela, com cores quentes e chamativas, as estruturas amorosas nas quais estamos aprisionados, a forma como os homens estão sendo construídos em nossa sociedade, a disparidade afetiva em confronto nos relacionamentos contemporâneos, a espetacularização vazia e plástica do entrelaçamento amoroso, o consumo midiático do fruto amoroso na forma de um bebê, as violências instigadas por um amor egocêntrico e ciumento, o vapor presente nas relações que traçamos ao longo da vida.

O intrigante é que esses enlaces muito próprios à *Badulaque*, de desconstrução e pessimismo em certa medida, não parecem produzir no leitor um sentimento de negativismo em relação à vida ou aos trâmites amorosos. Pelo contrário, permanece sempre uma noção meio cômica, divertida, que tem a capacidade de ressignificar, de alguma forma, episódios catastróficos em uma espécie de situação digna (a situação de solteirice, divórcio, um pé na bunda, um amor que evaporou, por exemplo).

Como ela faz isso? Talvez seja a teia de complexidades que a *Badulaque* elabora em cada edição, em cada tema, em cada construção imagética. Para a seção, nada é tão absoluto. Os acontecimentos são repletos de interpretações. Um término não é uma catástrofe, por exemplo. Essa trama de relações, de coexistência de ideias, de cacofonia de vozes, cores, imagens, signos, símbolos, teorias, percepções, paisagens afetivas, sons musicais de bandas que amamos, objetos nostálgicos que nos fazem lembrar a infância, etc, etc, etc, quebra noções simplistas da vida de forma fácil, recuperam um vigor no cotidiano que tinha se perdido, coloca força e beleza em uma vida bagunçada de muitas coisas, muitos sentimentos, muitos objetos, muitas situações inconciliáveis. A

Badulaque, um inventário de discursos possíveis, é lugar de sorriso leve na sala de espera no dentista, mas também de exibição de monstros perversos. Mas ela veste os monstros com roupas coloridas e cômicas, tirando sua aura de terror, e dando a possibilidade de nós, leitores, capturá-los pelas mãos e ressignificá-los. O amor é um vapor, que pode ser difundido em nosso cotidiano.

REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, Patrícia Colmenero Moreira de. **O Amor no Cinema Contemporâneo: o construtor de sereias**. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Universidade de Brasília. Distrito Federal, 2013.

BARTHES, Roland. **Fragmentos de um Discurso Amoroso**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1981.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços amorosos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BÍBLIA, N.T. 1 João. In: BÍBLIA. Português. Bíblia Sagrada: Almeida Revista e Atualizada. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999. p.198.

BÍBLIA, N.T. Colossenses. In: BÍBLIA. Português. Bíblia Sagrada: Almeida Revista e Atualizada. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999. p.166.

BÍBLIA, N.T. Mateus. In: BÍBLIA. Português. Bíblia Sagrada: Almeida Revista e Atualizada. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999. p.5.

CAMPOS, Paulo Mendes. **O Amor Acaba: crônicas líricas e existenciais**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2019.

NIETZSCHE, Friedrich. **100 Aforismo Sobre o Amor e a Morte**. São Paulo: Penguin & Companhia das Letras, 2012.

PONDÉ, Luiz Felipe. **Amor Para Corajosos**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2017.

SCHOPENHAUER, Arthur. **Metafísica do Amor, Metafísica da Morte**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.